



Secretaria de Estado da Educação

CLIPPING

24 de Setembro 2014



Veículo: Diário Catarinense

Editoria: Sua Vida

Data: 24/09/2014

Assunto: Merenda

Página: 33

DIÁRIO CATARINENSE

Merenda vira lição em escolas da rede estadual

A dupla mais famosa da mesa dos brasileiros virou tema de estudo nas escolas da rede estadual de Santa Catarina.

Feijão preto, vermelho, cariquinho, branco, fradinho, arroz branco e integral. Por meio de brincadeiras, desenhos, jogos educativos e aulas com nutricionistas, os alunos aprendem sobre as propriedades nutricionais e adquirem o hábito de se alimentar melhor dentro e fora da escola.

O projeto Educação Nutricional da Secretaria de Estado da Educação, em parceria com as empresas terceirizadas que fornecem a merenda - Nutriplus e Risotolândia -, é feito em mais de 500 escolas. As empresas fazem palestras nos intervalos das aulas. No primeiro semestre deste ano, o tema abordado foi a pirâmide alimentar: e lá estão o arroz e o feijão.

Uma pesquisa feita entre junho e agosto nas unidades da rede estadual constatou que 92,5% dos estudantes consomem ao menos uma refeição oferecida na escola. E a maior parte deles, cerca de 38%, deram nota de 8 a 10.

- As nutricionistas estão semanalmente nas escolas, sempre em contato com as merendeiras que também são funcionárias das empresas e seguem o padrão desde a escolha dos ingredientes até o preparo - explica a integradora de alimentação da Gerência Regional de Educação da Grande Florianópolis, Elza Xavier.

Na manhã de segunda-feira, os estudantes da Escola Nossa Senhora da Conceição, no bairro Roçado, em São José, receberam a visita das nutricionistas da empresa Risotolândia.

CRIANÇAS TRANSMITEM APRENDIZADO EM CASA

Alguns nunca tinham visto o arroz e feijão crus e aprenderam a diferença entre o parboilizado e o integral. Após a aula, os pequenos capricharam na hora do almoço.

A diretora Cristiane Demétrio explica que os alunos criaram mascotes com frutas e verduras, trabalham em sala os alimentos e participaram de uma gincana:

- Tínhamos alunos que traziam doces e salgados industrializados e mal comiam merenda. Agora estão com uma alimentação melhor e até cobram dos pais em casa.

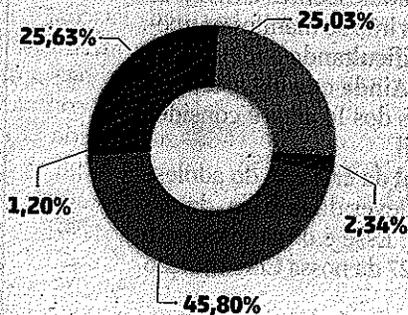


SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

AVALIAÇÃO DOS ESTUDANTES

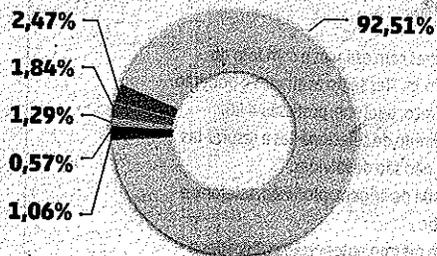
SATISFAÇÃO COM A MERENDA

Confira os resultados de pesquisa feita pela Secretaria Estadual de Educação com os alunos da rede. Você consome a alimentação oferecida pela escola?



- Sim, somente quando o lanche for doce
- Sim, somente quando o lanche for salgado
- Sim, somente quando for refeição salgada
- Às vezes, independente do cardápio
- Não consumo nenhum dia

QUANTOS DIAS POR SEMANA VOCÊ COSTUMA CONSUMIR A ALIMENTAÇÃO OFERECIDA PELA ESCOLA?



- 1 dia na semana
- 2 dias na semana
- 3 dias na semana
- 4 dias na semana
- 5 dias na semana
- Nenhum dia



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

| | | |
|------------------------------------|---------------------------|-------------------------|
| Veículo: Diário Catarinense | Editoria: Sua Vida | Data: 24/09/2014 |
| Assunto: Investimentos | | Página: 33 |

DIÁRIO CATARINENSE

País é o segundo que mais investe em educação no grupo dos Brics

São Paulo

O Brasil é o segundo país que gasta maior cota do Produto Interno Bruto (PIB) em educação entre os cinco principais emergentes.

O investimento era de 5,8% do PIB em 2012, segundo relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) divulgado na segunda-feira. O levantamento considerou os Brics, grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

O patamar deve atingir 10% do PIB na próxima década, como prevê o Plano Nacional de Educação, sancionado em junho. No grupo, a maior fração do PIB investida na educação em 2012 foi a sul-africana, com 6,6%. As parcelas foram 4,1% na Rússia, 3,7% na China e 3,4% na Índia.

O relatório aponta que, no caso de Índia e China, as cotas do PIB usadas na educação são baixas, o que é compensado pelo alto nível de produção nos últimos anos.

Na despesa do governo com educação, o Brasil é o terceiro, com 14,6% do total, atrás da África do Sul (20,6%) e China (16,3%). O investimento por aluno, no entanto, ainda é baixo. Isso acontece, de acordo com o relatório, pela dimensão populacional dos emergentes. A ajuda internacional, diz a Unesco, também deve recuar nos próximos anos como consequência do desenvolvimento econômico dos cinco países.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

| | | |
|------------------------------------|---------------------------|-------------------------|
| Veículo: R7 | Editoria: Educação | Data: 24/09/2014 |
| Assunto: Educação Inclusiva | | Página: Online |



Falhas da educação inclusiva ainda deixam 140 mil jovens fora das escolas

Acesso à educação inclusiva a todos os que têm deficiência é tema da semana de Ação Mundial

No País, cerca de 140 mil crianças e jovens estão fora da escola devido a deficiência, transtornos de desenvolvimento, autismo e superdotação, segundo levantamento na base de dados dos que recebem o Benefício de Prestação Continuada (BPC) na Escola e têm até 18 anos.

Renata, uma história de inclusão das crianças com síndrome de Down na escola

A discussão sobre garantir o direito à educação inclusiva a todos os que têm deficiência é tema da Semana de Ação Mundial, que ocorre entre 21 e 27 de setembro e este ano tem como tema o Direito à Educação Inclusiva – Por Uma Escola e Um Mundo para Todos. Como parte das atividades da semana, um seminário foi realizado hoje (23), em Brasília.

A coordenadora executiva da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Iracema Nascimento, avalia que houve avanços significativos na inclusão das pessoas com deficiência nas escolas. No entanto, diz que, para ampliar os resultados do trabalho e garantir as matrículas das pessoas com deficiência em escolas regulares, é preciso superar fatores como a falta de estrutura escolar e também ampliar a qualificação de professores e vencer a resistência de famílias.

— Às vezes, há resistência até das famílias, que ficam temerosas de que suas crianças sejam maltratadas.

Dados da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, obtidos a partir do Censo Escolar de 2013, do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), apontam que apenas 6% dos professores que atuam na educação básica têm formação continuada específica em educação especial de, no mínimo, 80 horas.

Mãe de um adolescente com paralisia cerebral, Keila Chaves fundou o Campe (Centro de Apoio a Mães dos Portadores de Eficiência). Ela relata que enfrentou dificuldades para matricular o filho em escola regular. Segundo ela, é fundamental que as famílias se mobilizem e busquem informações para garantir o direito à educação inclusiva.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

— Não sabíamos que a educação era um direito. Quando eu chegava na escola atrás de vaga, a resposta era que lá não era lugar para o meu filho, que a escola não estava preparada. Eu até começava a me condenar por buscar isso para ele.

Keila conta que sua percepção sobre o direito à educação mudou quando ela tomou conhecimento da Declaração de Salamanca, que trata dos princípios, política e práticas em educação especial. A declaração foi aprovada em 1994 na Conferência Mundial de Necessidades Educacionais Especiais, na Espanha, por representantes de 88 países e 25 organizações internacionais. O documento garante aos portadores de deficiência física o ingresso no ensino regular.

A coordenadora-geral de Articulação da Política de Inclusão no Sistema de Ensino da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, do Ministério da Educação, Suzana Maria Brainer, destaca que os avanços da inclusão dos deficientes na educação são crescentes.

Ela ressalta que, embora 140 mil jovens e crianças de até 18 anos que recebem o BPC na Escola ainda estejam fora da sala de aula, esse número chegava a 374 mil em 2007, quando o BPC foi criado.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

| | | |
|---|---------------------------|-------------------------|
| Veículo: G1 | Editoria: Educação | Data: 24/09/2014 |
| Assunto: Projeto Climate Reality | | Página: Online |



VESTIBULAR E EDUCAÇÃO

Estudante gaúcho questiona líderes e encontra Al Gore em cúpula de clima

*João Pedro Eboli, de 13 anos, participou de evento na ONU nos EUA.
Ele foi um dos vencedor de concurso global promovido por ONG.*

Ter alguns segundos de atenção de presidentes e chefes de Estado de mais de 120 nações é um privilégio para poucos. O estudante gaúcho João Pedro Corrêa Eboli, de apenas 13 anos, viveu essa experiência na terça-feira (23) durante a cúpula de clima das Nações Unidas (ONU), em Nova York. Ele disse que questionou os principais líderes mundiais sobre o futuro do planeta e encontrou um dos seus maiores ídolos.

O jovem de Porto Alegre foi um dos oito vencedores do concurso da Climate Reality Project, ONG fundada pelo ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore. O prêmio foi uma viagem a Nova York para participar da conferência. Do Central Park, famoso parque da cidade americana, ele contou como foi a experiência em vídeo enviado ao G1

“O bacana foi que apresentaram um vídeo com questionamentos meus e dos outros vencedores. E os presidentes, chefes de Estado e o próprio Ban Ki-moon [secretário-geral da ONU] puderam olhar. Espero que eles tenham refletido sobre isso”, contou João Pedro. “Não está nas melhores mãos, mas está em um caminho bom a questão climática. A gente vai ter um futuro melhor”, opinou o jovem.

O estudante disse que o momento mais emocionante foi o encontro com Al Gore. Desde que perdeu a eleição presidencial americana em 2000 para George W. Bush, o político tem se dedicado principalmente à causa ambiental. O documentário “Uma Verdade Inconveniente”, do qual é coautor, venceu o Oscar de 2007 e ajudou a sensibilizar a opinião pública sobre as possíveis consequências do aquecimento global.

“No meio desse evento eu conheci o Al Gore, que é o presidente da ONG. O legal é que eu vi os documentários e li o livro dele, ‘O Futuro’. Então ver ele ao vivo, poder conversar com ele e tirar fotos, foi muito emocionante. Foi um momento muito importante da minha vida”, disse o estudante, empolgado.

A cúpula de clima da ONU contou com a presença da presidente Dilma Rousseff. Ela discursou na abertura da conferência e abordou, entre outros assuntos, a conservação da Amazônia, tema levantado pelo adolescente no vídeo enviado ao concurso.

No vídeo, com duração de 1 minuto e 7 segundos, João Pedro fala, em português, sobre os efeitos do aquecimento global e as consequências da repentina mudança climática. Cita a histórica seca que atinge São Paulo, o esvaziamento dos reservatórios e a falta de água frequente, além da estiagem que gera prejuízos econômicos.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

| | | |
|----------------------------------|---------------------------|-------------------------|
| Veículo: G1 | Editoria: Educação | Data: 24/09/2014 |
| Assunto: Nova metodologia | | Página: Online |



VESTIBULAR E EDUCAÇÃO

Matemática é ensinada a crianças do Brasil com metodologia de Harvard

*O Círculo da Matemática chegou a 66 escolas públicas de 10 cidades.
Objetivo é inovar no ensino, desenvolver o raciocínio e criatividade.*

Uma nova proposta do ensino da matemática chegou a 7 mil alunos dos primeiros anos do ensino fundamental de 66 escolas públicas em 10 cidades brasileiras. É o Círculo da Matemática, uma pedagogia desenvolvida pelos professores Bob e Ellen Kaplan, da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, e trazida para o Brasil pelo Instituto Tim.

Pelo círculo, as aulas de matemática são oferecidas a turmas de no máximo 10 alunos. Não há carteiras, lição de casa ou provas. Somente cadeiras, em que os alunos, propositalmente, não param sentados. A fórmula é simples: as crianças são instigadas a responder as questões da professora na lousa com giz, sem qualquer tecnologia. Nenhum erro é reprimido, mas nenhuma resposta é oferecida sem ser debatida.

A base das aulas é uma reta numérica onde são ensinadas as operações e conceitos matemáticos. "Quais são números pares, e os ímpares, e os primos?", questiona a professora, enquanto os alunos disputam para respondê-la.

As aulas do círculo não substituem as da grade curricular de matemática das escolas, ou seja, são aulas extras e ocorrem uma vez por semana para cada turma. O objetivo é desenvolver o raciocínio das crianças, fazer com que elas pensem, esqueçam as fórmulas e a decoreba e acima de tudo aprendam a gostar de matemática. Tem funcionado. "Gosto de matemática porque é divertido, as pessoas que acham chato é porque não conhecem os números", diz Maria Clara Barbosa Rodrigues, de 7 anos, aluna do 2º ano.

O principal lema que define a metodologia dos professores Kaplan de Harvard é "diga-me e esquecerei, pergunte-me e descobrirei." Nas aulas, faz parte da metodologia chamar as crianças sempre pelos nomes e incentivá-las a entrar nas discussões.

Em São Paulo, uma das unidades contempladas é a da escola estadual Clorinda Danti, na Zona Oeste de São Paulo, que atende 480 alunos do 1º ao 5º do ensino fundamental. Uma das educadoras é Janaina Rodrigues de Almeida, de 29 anos, aluna de licenciatura de matemática pela Universidade de São Paulo (USP). "Nunca tinha dado aulas e ver a carinha das crianças quando elas descobrem algo é impagável. Nessa idade você as ajuda a contribuir com algo para o futuro. O círculo ajuda a pensar, a raciocinar", afirma Janaína.

A diretora da escola Rosana Osso de Miranda diz que o trabalho do círculo acabou influenciando o desempenho dos alunos nas demais disciplinas e até os professores da unidade. "Os alunos estão mais participativos e gerou uma reflexão nos professores de que eles podem fazer diferente."

O projeto chegou ao Brasil há um ano. A expectativa, de acordo com o coordenador do Círculo da Matemática no Brasil, Flavio Comim, é incorporar os alunos do 5º ano e formar educadores que já atuam



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

como professores na rede pública para expandir o número de crianças atendidas. As escolas que recebem o círculo são escolhidas a partir de parcerias com as secretarias da educação e a preferência é optar por aquelas que possuem os piores desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

“Parte do fracasso do ensino da matemática é o excesso de mecanização. Fazer matemática é fazer continha e muitas vezes é um negócio chato para as crianças. Seguimos uma abordagem que os professores Kaplan desenvolveram durante 20 anos, é um tipo de ensino muito exclusivo. É a pedagogia de Harvard para crianças da periferia do Brasil”, diz Comim.

Bob e Ellen Kaplan vêm ao Brasil frequentemente para formar professores. Eles dizem que se o professor explicar uma ideia para uma criança em matemática ou qualquer outra disciplina, ela não é estimulada a pensar. “Mas se o professor der uma problema atraente que precisa dessa ideia para a solução, ela vai descobrir isso para si mesma e sua autoconfiança irá aumentar”, diz Bob Kaplan, em entrevista por e-mail ao G1.

Para os estudiosos da matemática, a classe deve ser como uma conversa de animada entre amigos em uma mesa de jantar. “É claro que esses tipos de conversas só acontecem em pequenos grupos. Muitos, muitos mais professores devem ser treinados para fazer essas perguntas principais e moldar as conversas, e isso é o que fazemos em nossa formação de professores de matemática do círculo”, afirma Ellen.

Bob diz que o círculo não possui um método rígido, mas uma abordagem flexível, e foi adaptado por pessoas nas quais eles se incluem. “Assim como a música é feita para tocar junto, matemática (que é a mais bela das músicas) é feita por seres humanos para seres humanos, e feita para ser praticada coletivamente”, diz Bob.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

| | | |
|--|---------------------------|-------------------------|
| Veículo: Todos pela Educação | Editoria: Educação | Data: 24/09/2014 |
| Assunto: Continuidade de projetos | | Página: Online |



CONTINUIDADE, 1ª LIÇÃO DAS MELHORES ESCOLAS PÚBLICAS

VEJA.com viaja 10.000 quilômetros pelo país para entender como algumas escolas escapam à tragédia do ensino nacional

Fonte: VEJA

Às margens da rodovia CE 362, a escola municipal Coronel Araújo Chaves é distante de tudo. Fortaleza, a capital cearense, fica a 220 quilômetros dali. O centro de Sobral, município do qual faz parte, está a mais de 50 quilômetros. Ao redor da Araújo Chaves, contam-se nos dedos algumas casas. O resto é um amplo sertão que se estende até onde o olhar pode alcançar, um quadro agravado por três anos de seca. Quem chega ao portão da escola, contudo, se depara com uma faixa cujo conteúdo destoia da penúria ao redor: "Temos Ideb 9."

Sim, contra todas as expectativas, a escola pública do sertão atingiu uma nota altíssima (a escala vai de 0 a 10) no Índice Nacional da Educação Básica, indicador do governo que combina desempenho dos alunos em provas de matemática e língua portuguesa com taxa de evasão de estudantes. Quanto maiores as notas e menor a fuga de alunos, melhor o conceito da escola. Com a nota 9, a Araújo Chaves superou em muito a média brasileira de 2013 — um medíocre 4 — e deixou também para trás a meta que o Ministério da Educação estabeleceu para o país... em 2021 — que é de 6,1. Seriam os alunos ou professores da escola cearense marciais?

Para entender como a Araújo Chaves e outras escolas conseguem escapar da trágica situação da educação pública brasileira, a reportagem de VEJA.com viajou mais de 10.000 quilômetros Brasil adentro. Durante três semanas, visitou seis municípios espalhados por três regiões: Sapiroanga e Campo Bom, no Rio Grande do Sul; Cosmópolis e Vinhedo, em São Paulo; e Pedra Branca e Sobral, no Ceará. O produto dessa longa reportagem será publicado em seis capítulos ao longo das próximas semanas.

Essas cidades mantêm redes de ensino que provam que, em primeiro lugar, o sucesso dos estudantes depende do comprometimento de gestores públicos e educadores. Na escola cearense, assim como nas outras dezesseis instituições visitadas, soluções simples — mas planejadas e eficazes — ajudam a desmistificar discursos de que a educação só avança com tecnologia de ponta ou com muito, muito dinheiro. Alguns



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

exemplos de práticas comuns a todas: dever de casa, correção de exercícios em classe, avaliação constante de alunos, controle rigoroso de frequência, reforço para os que apresentam dificuldades.

As dezessete escolas visitadas fazem parte das melhores redes de ensino fundamental público do país. Isso significa que as redes municipais das quais fazem parte obtiveram as médias mais altas na Prova Brasil, avaliação do MEC que afere o conhecimento dos alunos brasileiros em português e matemática (e que compõe o Ideb). Os seis municípios visitados estão entre os vinte mais bem colocados do país no ranking de 2011 e devem manter a posição no levantamento de 2013, que deve ser lançado em breve pelo MEC.

Outro ponto em comum entre esses municípios é a continuidade da política educacional. Garantir que trocas de guarda no nível municipal não acarretem mudanças de rumo na sala de aula é considerada uma medida fundamental por educadores. Isso afasta casuísmos e invencionices. "No Brasil, confunde-se programas de longo prazo com projeto político. O resultado são sistemas cheios de remendos. Políticas educacionais não deveriam depender de partidos ou pessoas", diz João Batista Araújo, presidente do Instituto Alfa e Beto.

Em Sobral, reconhecida como a melhor rede pública de ensino do país, as ações que alavancaram as notas tiveram início em 2001, sendo mantidas por quatro gestões diferentes. Naquele ano, a Secretaria de Educação avaliou todas as escolas e constatou que 48% das crianças no 3º ano do ensino fundamental eram analfabetas. "Tínhamos quase cem unidades, a maioria em locais afastados e fazendas, com apenas uma sala e sem recurso algum", diz o atual secretário, Júlio César da Costa Alexandre. A primeira medida para reverter o quadro foi reduzir o número de escolas, o que facilitou a administração dos recursos e das equipes. Das cem unidades, restaram apenas 38, que passaram a receber os estudantes dos locais mais afastados que chegavam em pau-de-arara e, mais recentemente, em ônibus escolares.

A seleção de diretores e professores também passou por uma mudança drástica. As equipes das escolas deixaram de ser nomeadas a partir de indicação política. Instituiu-se um concurso público, que inclui prova, banca, entrevista e análise de currículo. Apenas professores com nível superior podem ser contratados. "Após o concurso, 75% dos funcionários foram trocados. Muitos vereadores se revoltaram, porque a nomeação era usada como moeda de troca para angariar votos", conta Alexandre. Em seguida, Sobral passou a avaliar os alunos semestralmente. Os testes mostram onde está o problema e, conseqüentemente, os temas que devem ser retrabalhados em sala de aula. Simultaneamente, os professores começaram a ser submetidos a cursos e bonificados por bons resultados.

No extremo oposto do país, a rede de Campo Bom, município de 63.767 habitantes que fica a 51 quilômetros de Porto Alegre (RS), seguia mais ou menos o mesmo caminho. Ao longo dos dez últimos anos, o regimento escolar foi adaptado para as 43 escolas da rede e a formação de professores, intensificada. No início de 2011, a rede passou a avaliar o desempenho dos alunos a cada três meses. "Com os dados,



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

investimos na formação dos professores, que agora se reúnem quinzenalmente para montar os planos de aula. As boas práticas são compartilhadas para ajudar na superação de dificuldades", diz Eliane dos Reis, secretária municipal de Educação, no cargo há seis anos.

A evasão de alunos caiu e o desempenho deles subiu. Quase todos estão permanentemente envolvidos em projetos paralelos, mas aliados às disciplinas regulares. Na escola Presidente Vargas, por exemplo, há projetos de leitura, jornal on-line, música e ciências. Um deles conquistou o 1º lugar na feira de ciências da cidade: apresenta um sistema de aquecimento de água pensado por um grupo de alunos do 8º e 9º anos durante uma aula de física. "As merendeiras reclamavam que a água que abastece a escola é gelada durante o inverno. Criamos um projeto de baixo custo para aquecer a água, montamos a maquete em 3D e apresentamos aos jurados", conta Natália Marques, aluna do 9º ano. O prêmio de 2.000 reais já está sendo usado para tirar o projeto do papel. "Agora vamos negociar com a Secretária a reprodução do modelo em outras escolas", diz a estudante, exibindo um plano de trabalho que daria inveja a muitos empresários.

Para a diretora da unidade, Neuza Maria Vasconcellos Thomas, o alto desempenho dos alunos é resultado do trabalho planejado, incessante e que não se desvia do objetivo primordial. "A escola está instalada em um bairro operário e amargava notas muito baixas em comparação às demais. O trabalho impulsionou as notas pouco a pouco e, neste ano, veio o resultado mais alto na Prova Brasil e também nas competições escolares", diz Neuza, que está em sua segunda gestão à frente da escola. "Agora eles têm certeza que recebem as mesmas oportunidades que os demais."

É justamente a garantia de que todos os alunos receberão a mesma atenção o que possibilita que as redes municipais se destaquem no ranking da Prova Brasil. A ideia é que de nada adianta criar as chamadas "escolas-modelo", ilhas de excelência dentro de um mar de mediocridades e descaso.

As administrações municipais que entenderem a importância de levar bom ensino a todos concorrerão a um prêmio neste ano: o Prefeito Nota 10, a ser conferido pelo Instituto Alfa e Beto a partir dos resultados da Nota Brasil 2013. "Para ser bem-sucedida, uma rede de ensino precisa ter regras claras sobre currículo, contratação de diretores e plano de carreira docente, com ações que cheguem a todas as escolas e correção dos problemas tão logo eles são detectados. Em geral, as redes de ensino no Brasil não partem desse princípio e, por isso, o ensino público vai mal", diz Araújo, do Alfa e Beto.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

| | | |
|---------------------------------------|--------------------------------------|-------------------------|
| Veículo: Blog Moacir Pereira | Editoria: Blog Moacir Pereira | Data: 24/09/2014 |
| Assunto: Política e estudantes | | Página: Online |



Tudo a Ver: o debate com os jovens sobre Política

Da Assessoria de Imprensa da Associação dos Magistrados Catarinenses:

: Cerca de 200 alunos do Ensino médio do Instituto Estadual de Educação (IEE), em Florianópolis, aproveitaram evento hoje para tirar as suas dúvidas sobre política e aprender um pouco mais sobre a importância que ela tem na vida dos cidadãos. O encontro fez parte do projeto "Tudo a Ver", iniciativa da Associação dos Magistrados Catarinenses (AMC), com o apoio do Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina (TRE/SC), que reuniu juizes e jornalistas para um bate-papo informal com os jovens estudantes sobre temas ligados ao Direito, aos Poderes do Estado e à Política.

O evento contou com a participação dos jornalistas Moacir Pereira (RBS), Altair Magagnin Jr. (Ric Record) e Elaine Maieski (Band SC) – mediadora -, do presidente da Associação dos Magistrados Catarinenses (AMC), juiz Sérgio Luiz Junkes, do juiz Fernando de Castro Farias, coordenador do projeto, do juiz eleitoral Carlos Vicente da Rosa Góes, o diretor geral do IEE, Vendelin Santo Borguezon.

O presidente da AMC assinalou que é um direito e também um dever de todos lutar e cobrar do Estado e da classe política um serviço de melhor qualidade. "Pagamos um valor muito alto em impostos e essa indignação é mais do que razoável para uma sociedade que se quer justa. Isso tudo tem que mudar e só vai mudar quando nós não aceitar mais as coisas como elas estão", pontuou.

Para o coordenador do projeto, o País vivencia hoje uma situação de descrença generalizada, em decorrência da saturação do próprio sistema político. "Para reverter esse quadro, precisamos atacar em três frentes: promover a educação política; fazer a reforma política; e exigir transparência (no trato com a coisa pública)", assinalou. O juiz Carlos Góes reforçou a necessidade de despertar as futuras gerações para uma nova cultura baseada no espírito de cidadania. "Por essa razão, é importante trabalhar para que eventos dessa natureza se tornem habituais, e não somente no período das eleições", frisou.

Já o jornalista Moacir Pereira sugeriu que os jovens procurem se aprimorar mais do ponto de vista cultural, lendo mais, assistindo filmes e conhecendo a cultura do seu País e, principalmente da do seu Estado e município. "A formação da cidadania começa pela formação cultural", destacou, acrescentando que o cenário



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

político brasileiro é "decepcionante" e carece urgentemente de uma reforma política como de depurar o quadro atual.

O jornalista Altair Magagnin Jr., por sua vez, atentou para a força da internet, em especial as mídias sociais. "A política não está sendo discutida, veiculada somente nas mídias tradicionais. Ela está de maneira muito forte nas redes sociais. Por isso é importante estar atento, buscar cada vez mais estar informado sobre os candidatos e sobre a atuação da classe política", disse.

O diretor do IEE elogiou a iniciativa da AMC e do TRE e manifestou o seu interesse em dar continuidade a debates do gênero com os alunos da instituição. "Temos que unir forças para que possamos fortalecer cada vez mais esses debates. Não podemos desanimar e jamais perder a esperança de construir uma sociedade mais justa", sublinhou."